

Brasileiros estão gastando mais com a saúde

Dieese apurá que 8,2% da renda estão indo para despesas médicas

Marta Barcellos

11 JUL 1996
GLOBO

• SÃO PAULO. Os brasileiros praticamente dobraram os gastos com saúde desde o início da década de 80. Antes, apenas 4,95% do orçamento eram destinados a atendimento médico e remédios. Agora uma família compromete 8,21% de sua renda com essas despesas, principalmente com os planos de saúde. Essa é uma das conclusões da primeira Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) realizada após o Plano Real, detectando mudanças nos hábitos de consumo nas famílias no município de São Paulo. Os dados, ainda preliminares, estão sendo computados pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) e são aguardados por todos os institutos de pesquisa que apuram índices de inflação. A POF determina que pesos devem ter cada produto ou gasto no cálculo dos índices de inflação.

Pobres gastam mais dinheiro com remédios do que os ricos

A pesquisa do Dieese foi realizada entre dezembro de 1994 e novembro de 1995, numa amostragem de 1.535 famílias, divididas em três faixas de rendimento: de um a cinco salários-mínimos; de cinco a 15 salários-mínimos; e acima de 15 salários. O aumento significativo nas despesas com saúde foi uma das grandes surpresas da pesquisa, segundo Cornélia Nogueira Porto, coordenadora da POF. O dinheiro que ia diretamente para médicos ou hospitais agora paga o plano de saúde. Os mais pobres continuam gastando, proporcionalmente, mais com remédios do que os ricos, um indício da "consulta na farmácia", acredita Cornélia.

O boom da venda de eletrodo-

mésticos após o Real também foi detectado: 3,22% do orçamento doméstico estão sendo destinados à compra de aparelhos como TVs, som ou videocassetes. Por outro lado, as famílias estão gastando menos com alimentação. Em 1982/1983, a comida comprometia 28,13% do orçamento, contra 27,59% hoje. Com a nova POF, o sacolão e a comida a quilo também vão passar a ter seus preços pesquisados, bem como o kiwi.

A pesquisa revelou ainda curiosidades. A maior despesa das classes mais baixas com educação é o cursinho pré-vestibular. Quando o filho consegue completar o segundo grau, os pais fazem de tudo para que ele chegue à faculdade. O dinheiro do jogo também está sempre reservado: as famílias gastam 0,20% do orçamento com jogos de azar e 0,70% com contribuições sociais.

José Maurício Soares, coordenador do Índice do Custo de Vida (ICV) do Dieese — que se refere a famílias com renda entre um e 30 salários-mínimos e que é muito usado para negociações salariais — acredita que os novos ICVs serão mais precisos. O índice não trará mais o reajuste das prestações da casa própria, e será dividido em três índices diferentes: um geral, outro com a variação do custo de vida da classe média e um terceiro relativo à inflação dos mais pobres. ■